



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ELISÂNGELA DO CARMO VIANA**

**BULLYING NA ESCOLA: ensinar empatia para combater essa agressão!**

**MATINHOS**

**2019**

**ELISÂNGELA DO CARMO VIANA**

**BULLYING NA ESCOLA: ensinar empatia para combater essa agressão!**

Artigo de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar oferecido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Setor Litoral-Matinhos Paraná.

Professora Orientadora: Dra. Elisiani Vitória Tiepolo

**MATINHOS**

**2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM  
QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora Dra. Elisiani Vitória Tiepolo, realizaram em 29 de outubro de 2019 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Elisângela do Carmo Viana sob o título "BULLYING NA ESCOLA: ENSINAR EMPATIA PARA COMBATER ESSA AGRESSÃO", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de *Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 29 de outubro de 2019.

Dra. Elisiani Vitória Tiepolo  
Professora Orientadora

Dra. Aírisona Lucinda de Oliveira  
Professora Integrante

Dra. Francieli Brizola  
Professora Integrante

Elisângela do Carmo Viana  
Estudante

**Conceitos de aprovação**  
APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

**Conceitos de reprovação**  
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

## RESUMO

O presente trabalho tem como intuito revisar alguns estudos sobre *bullying*, para que sejam levantadas as principais causas das agressões e suas possíveis consequências para as vítimas. Objetiva-se avaliar escolas na cidade de Paranaguá/PR e verificar se ainda apresentam-se omissas aos casos de *bullying*. Verifica-se que cada vez mais se fala em *bullying* e que, segundo pesquisadores, as consequências psíquicas e físicas nas vítimas e também nos agressores estão cada vez mais visíveis na sociedade. Diante desse quadro, é necessário definir o *bullying* como um problema de saúde pública. Para tentar superar essa situação, propõe-se discutir o tema empatia, como forma de prevenção e combate ao *bullying*. Entende-se que o tema é de fundamental importância, tanto para a comunidade acadêmica como para os profissionais de educação e pais dos alunos, superando-se a omissão frente aos casos acontecidos e a repetição de novos casos.

**PALAVRAS- CHAVE:** Bullying. Escolas de Paranaguá. Empatia.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es revisar algunos estudios sobre el acoso escolar, de modo que se planteen las principales causas de agresión y sus posibles consecuencias para las víctimas. El objetivo es evaluar las escuelas en la ciudad de Paranaguá / PR y verificar si todavía hay omisiones. casos de intimidación. Se informa más y más acoso y, según los investigadores, las consecuencias psicológicas y físicas en las víctimas y los delincuentes son cada vez más visibles en la sociedad. Ante esta situación, es necesario definir el acoso escolar como un problema de salud pública. Para tratar de superar esta situación, se propone discutir la empatía como una forma de prevenir y combatir el acoso escolar. Se entiende que el tema es de fundamental importancia, tanto para la comunidad académica como para los profesionales de la educación y los padres de los estudiantes, superando la omisión en relación con los casos ocurridos y la repetición de nuevos casos.

**PALABRAS CLAVE:** Bullying. Escuelas de Paranaguá. Consecuencias. Empatía

## 1. "BULLYING? QUE FRESCURA! NA MINHA ÉPOCA NÃO TINHA ISSO" - HISTÓRIA DE VIDA, A MOTIVAÇÃO DA PESQUISA.

Muitas pessoas afirmam que antigamente não existia bullying. A verdade é que o termo não existia e que tinham conceitos muito rasos sobre violência, pois esta era entendida como apenas aquilo que fere fisicamente, deixa hematomas; no entanto, sabe-se atualmente que existem várias formas de agredir alguém.

Há algum tempo atrás, o bullying era considerado nada mais do que uma brincadeira entre colegas, que, a fim de se divertir e divertir os outros de seu círculo social, apontavam as diferenças alheias de forma zombeteira.

Além disso, pouco se falava da questão, pois as pessoas sabiam que iriam ser rotuladas de covardes por não revidar ou simplesmente por se incomodar, isso até mesmo pelos próprios pais.

Colaborando para a realidade de que o bullying sempre existiu, coloca-se abaixo relato pessoal, o qual foi o motivador para a realização da presente pesquisa.

"Sou Pedagoga, tenho 42 anos, desde pequena, com idade de 8 anos, quando comecei na escola, por ter problemas de saúde desde bebê quando fiquei internada e no hospital adquiri meningite. A doença afetou minha bexiga, que ficou bem prejudicada, até hoje sofro com infecção urinária, e quando criança por causas dessas infecções repetitivas, vivia no banheiro. Por essa razão recebi vários apelidos, primeiro pela própria professora, depois pelos alunos, que repetiam; pedia pra ir ao banheiro e me xingavam. Isso me deixava com raiva, magoada, sem vontade de voltar à escola. Eu até deixava de tomar água para não ter que ir ao banheiro tantas vezes, e, com isso, também adquiri um problema renal, que ficou cada vez pior depois que tive minha primeira filha. Sofro até hoje com esse problema de saúde, tive cálculos renais, acabei perdendo a metade do meu rim direito.

Pior que os xingamentos não acabavam por aí..Eu era chamada de "varetinha", "pintadinha", levantavam minha saia pra ver qual era a cor da minha calcinha, diziam eles, isso era todos os dias, e outros absurdos mais que faziam. Eu falava para professora e para a diretora, só me diziam que era tudo brincadeira, que

não era pra brigar e que se fôssemos brigar era para brigar fora da escola. E acontecia muita coisa fora da escola mesmo. Eu lembro uma vez que, quando casei, era adolescente ainda, que a família do meu marido me chamava de negrinha. Eles eram todos polacos, de pele bem branca, e eu no meio deles, morena. Nossa, eu ficava tão chateada, não por ter preconceito algum. Ao meu ver todos viemos da África. Mas era pelo fato de eu ter passado isso na minha infância e daí agora, daí eu pensava: eu tenho um nome, por que não me chamavam pelo meu nome? Até que um dia meu marido deve ter falado alguma coisa, também vieram outras pessoas ainda mais negrinhas, como eles diziam, mais que eu até, e um dia eles pararam. Mas, com isso tudo, a minha auto-estima já estava abalada, e eu acabei pensando que eu era tudo isso mesmo que sempre falaram de mim. Queria até pedir desculpas e agradecer a família do meu marido, por terem me aceitado do jeito que eu era. Olha que absurdo isso... Ainda bem que não pedi...

Eu sei que sempre procurei estudar e ler sobre tudo. Mas, voltando à minha primeira gravidez que foi aos 16 anos, eu ainda no ensino médio, mas tive que desistir por causa dos problemas de saúde. No colégio no qual cursava o ensino médio o acesso para minha sala de aula era somente por escadas, e o nenê estava pesado e prejudicando minha bexiga, eu sentia muita dor, o médico me orientou a falar com a diretora para trocar de sala ou desistir de frequentar as aulas, pois seria muito arriscado tanto para mim quanto para a criança. Falei com a diretora mas ela afirmou que não ia trocar só para mim, então fui obrigada a desistir, mas sempre com o pensamento de voltar.

Sempre gostei de estudar, e eu tinha várias profissões na minha cabeça que eu queria ser. Vim de uma família humilde, com 7 irmãos, meus pais não conseguiram nem terminar o ensino fundamental, mas eles sempre me diziam que eu deveria estudar, diziam não porque eles não puderam estudar, que nós, os filhos, deveríamos deixar de estudar também.

O sentimento de culpa me acompanhava, eu tinha que voltar a estudar, dar uma educação para meus filhos, queria entendê-los da melhor forma possível, queria poder ajudar quando eles precisassem, também não queria que eles passassem nada

do que eu passei no passado, e se passassem queria saber como ajudá-los. Esperei eles fazerem 6 e 3 anos e voltei pra terminar o ensino médio. Mas no meio do caminho fiquei doente, pelo problema renal, 27 dias internada. Foi difícil, só pensava nos meus filhos, mas superei e voltei para as aulas. Depois, com a ajuda de uma professora que me deu de presente a matrícula do vestibular, fui fazer, passei, fui fazer pedagogia (queria ter feito psicologia, mas como na cidade não tinha, e para mim não era possível fazer em outra cidade, então fiz o curso de pedagogia na UNESPAR, antiga FAFIPAR).

Foi o que me ajudou muito, como mãe e profissional também, foi o que me deu base de conhecimentos educacionais e sociais que eu precisava naquele momento. Fui estagiar como educadora social na prefeitura e voluntária como agente de proteção, pela vara da infância e juventude. Deparei-me com várias desigualdades sociais. Crianças e adolescentes que viviam em zona de perigo, que foram abusadas sexualmente, que foram abandonadas, crianças com 10 anos de idade já viciados em drogas, crianças e adolescentes que sofriam *bullying*. Deparei-me com diversas crianças que não queriam ir para escola, voltar para casa. Alegavam que batiam, que xingavam elas. Eram crianças depressivas, assustadas, de poucos amigos."

A partir de então, passei a entender que também havia sido vítima de *bullying* e que o curso de pedagogia havia feito com que compreendesse as consequências que este fato apresentou em minha vida. Ainda como se não bastasse, enfrentaria novamente o *bullying*, desta vez, como expectadora, pois meu filho sofria agressões e a escola mesmo anos mais tarde do que havia acontecido comigo, se apresentaria novamente omissa.

Essa experiência pessoal me motivou a aprofundar a pesquisa sobre o tema e escrever este artigo como forma ser mais uma voz no debate dessa questão.

## **2. O CONCEITO DE BULLYING E O RECONHECIMENTO DOS SUJEITOS**

No Brasil, a palavra “*bullying*” tem sido utilizada para caracterizar “agressão no contexto escolar”, a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

Posto isto, conforme Silva:

O bullying pode acontecer de forma direta ou indireta. Porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de agressão; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos bullies costumam vir em bando. Essas atitudes maldosas contribuem não somente para a formas exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar e pode se expressar das mais variadas formas.[...] (SILVA, 2015, p. 21 )

Com isto, “bullying” pode ser compreendido como todas formas e atitudes agressivas ocorridas sem qualquer motivação, sendo elas tanto físicas quanto verbais. Destaca-se, ainda, que, em regra, a vítima teme o agressor devido às constantes ameaças e até mesmo a concretização de violências. Em suma, o *bullying* é uma violência praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar, humilhar ou agredir fisicamente a vítima.

Assim sendo, se pode afirmar que a vulnerabilidade das vítimas é o principal fator para se encontrarem nesta posição, pois sua vulnerabilidade é ocasionada pela insegurança, vergonha, falta de socialização, conformismo, ansiedade e depressão que ensejam sua constante baixo-estima.

Todavia, os agressores também enfrentam problemas que, por muitas vezes, também os colocam nesta situação, pois revelam problemas em casa que acarretam sua vulnerabilidade emocional e que, embora aparentemente estejam mais fortes no momento do bullying, tanto física e psíquica quanto socialmente, merecem tanta atenção quanto às vítimas de sua agressão.

Verifica-se que a problemática do *bullying* está em ascensão nas escolas brasileiras. O jornal Folha de São Paulo apontou estudo da “Pense” (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar), realizado em 2015 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para afirmar que: 14,8% dos estudantes do nono ano declararam ter deixado de ir à escola, pelo menos um dia, nos 30 dias anteriores à pesquisa, por não se sentir seguros no trajeto entre a casa e a instituição de ensino. Isto devido as frequentes práticas de *bullying*.

Mas o bullying não é uma questão atual, mas sempre esteve presente no cotidiano de pais e alunos. É o que será relatado nesse texto, a partir de um caso real, ocorrido em Paranaguá. Em tal situação, a escola não apresentou abordagem correta, na verdade, se apresentou omissa.

A expressão inglesa "*bullying*" é derivada de "*bully*"(valentão, brigão). No Brasil o termo mais frequentemente usado em traduções é o de "intimidação". A palavra desaconselha traduções em outros idiomas por possuir um sentido específico em determinadas situações. Segundo Seixas (2005), em Portugal, as expressões já tentadas vão desde "agressão no contexto escolar", "coação" e "provocação" até "implicar com as pessoas". Em qualquer dos casos, o conteúdo associado ao conceito "*bullying*" se dissolve.

Embora existam referências mais antigas sobre o fenômeno, o interesse pelo *bullying* começou ao final dos anos 70, nos países escandinavos, sendo os trabalhos pioneiros do professor Dan Olweus. Em 1983, três adolescentes noruegueses cometeram suicídio em circunstâncias que autorizavam plenamente a hipótese de que as tragédias estavam associadas à vitimização por *bullying*. O Ministério da educação solicitou a Olweus, então, uma ampla pesquisa sobre o tema e um programa específico *antibullying*. O resultado, conhecido como "Programa Olweus de Prevenção de *bullying*".

Existem muitos autores que têm apontado o "*bullying*" como o mais grave problema existente nas escolas em nível mundial e estudos recentes demonstram aumento na incidência do fenômeno.

Nesse contexto, Beane (2010), afirma que para ajudar uma criança ou adolescente que sofre com o "*bullying*" é importante compreender este fenômeno, e que "quando não entendemos completamente o problema, lidamos apenas com seus sintomas, e não com as causas em sua raiz".

Sendo assim, se faz relevante destacar ainda o que menciona o autor sobre a descrição do "*bullying*":

O termo "*bullying*" descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa. Bullying é uma forma de comportamento agressivo e direto que é intencional, doloroso e persistente (repetido). Crianças vítimas de maus-tratos são debochadas, assediadas, socialmente rejeitadas, ameaçada, caluniadas e assaltadas ou atacadas (verbal, física e psicologicamente) por um ou mais indivíduos. Há níveis desiguais de reação (isto é, a vítima fica perturbada e aborrecida, enquanto o perpetrador se mantém calmo) e um frequente desequilíbrio de força (poder e denominação). Esse desequilíbrio pode ser físico ou psicológico - ou seu filho pode ser apenas minoria. Há ocasiões em que o *bullying* pode ser considerado violento. Todo *bullying* é sério, mas, quando ele é intenso e perdura por um período significativo, é muito sério - é violento. Na verdade, o *bullying* é a forma mais comum de violência escolar - e de um tipo muito destrutivo para o bem-estar da criança, que faz causar mal a si mesma e a outros. (BEANE,2010. p.18-19)

O "*bullying*" tem uma forma agressiva e que suas consequências não são boas. Apresenta ainda algumas características da vítima e do agressor, sendo que enquanto a primeira se apresenta perturbada e

aborrecida, o segundo se apresenta calmo, havendo então um desequilíbrio entre essas partes, que, segundo o autor, pode ser tanto físico quanto psicológico.

Observa-se então, diante do exposto, a importância de conceituar e conhecer em sua essência o fenômeno "*bullying*", determinando e caracterizando as partes envolvidas nessa relação.

## 2.1 CONCEITO DE BULLYING

Como foi afirmado anteriormente, a palavra "*bullying*" desaconselha traduções em outros idiomas por possuir um sentido específico em determinações. Diante disso, no Brasil, a palavra é usada em sua forma original para caracterizar "agressão no contexto escolar", para indicar a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

Nesse contexto, Silva (2015) afirma que:

Se recorrermos a um dicionário, encontraremos as seguintes traduções para a palavra *bully*: indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. Já a expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e /ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial, seja por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás

dessas ações sempre há um *bully* que domina a maioria dos alunos de uma turma e proíbe qualquer atitude solidária em relação ao agredido.

O abuso de poder, a intimidação e a prepotência são algumas das estratégias adotadas pelos praticantes de *bullying* (os *bullies*) para impor sua autoridade e manter suas vítimas sob total domínio.(SILVA,2015.p.19-20)

Verifica-se desta forma, diante da contextualização da autora que de fato a amplitude da determinação da palavra *bullying* supera a relevância da sua tradução; diante disso, utilizá-la ainda no seu termo inicial, traz uma significação mais coerente às suas consequências.

Camargo, no Portal Brasil Escola, relata a agressividade do "*bullying*" e as formas que pode ocorrer:

**Bullying** é um termo da língua inglesa (bully = "valentão") que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

O *bullying* se divide em duas categorias: a) *bullying* direto, que é a forma mais comum entre os agressores masculinos e b) *bullying* indireto, sendo essa a forma mais comum entre mulheres e crianças, tendo como característica o isolamento social da vítima. Em geral, a vítima teme o(a) agressor(a) em razão das ameaças ou mesmo a concretização da violência, física ou sexual, ou a perda dos meios de subsistência. (CAMARGO, Orson. "Bullying"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 30 de abril de 2019.)

Observa-se que o autor aponta o "*bullying*" como todas formas e atitudes agressivas ocorridas sem qualquer motivação, sendo elas tanto físicas quanto verbais. Destaca-se, ainda, que em regra a vítima teme o agressor devido às constantes ameaças e até mesmo a concretização de violências. Nota-se, neste contexto, grande desgaste emocional da vítima.

Silva (2015) também reconhece a existência de duas formas de *bullying*, quais sejam, a direta e a indireta:

O *bullying* pode acontecer de forma direta e indireta. Porém, dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de agressão; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos *bullies* costumam vir em bando. Essas atitudes maldosas contribuem não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar e pode se expressar das mais variadas formas.(SILVA,2015.p.23)

Assim sendo, tem-se que o *bullying* direto é a forma mais comum entre os agressores (*bullies*) masculinos, como roubar o dinheiro do lanche ou o próprio lanche, obrigar a vítima a fazer algo que não quer, expor a vítima ao ridículo, humilhar a vítima diante dos demais colegas, entre outros. Já o *bullying* indireto é a forma mais comum em *bullies* do sexo feminino e crianças pequenas, e é caracterizado por forçar a vítima ao isolamento social. Este isolamento é obtido através de uma variedade de técnicas que incluem: espalhar comentários, criticar o modo de vestir ou outros aspectos da pessoa.

Observa-se que ambas as maneiras representam agressões duras e que causam extremo sofrimento e dor para os agredidos, podendo causar consequências emocionais que podem durar durante toda a vida.

Silva (2015) aponta algumas destas consequências, que, em geral, são perceptíveis imediatamente, todas, segundo a autora, se apresentaram em seu consultório, não apenas por crianças, mas também por adultos; dentre estas estão os sintomas psicossomáticos, transtorno de pânico, fobia escolar, fobia social (timidez patológica), transtorno de ansiedade generalizada (TAG), depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e transtorno de estresse pós traumático, além daqueles menos frequentes como esquizofrenia e homicídio.

## 2.2 QUEM É A VÍTIMA

No contexto escolar apresentam-se como vítimas, de acordo com Beane (2010):

De acordo com Olwe, há três tipos de vítimas: as passivas, as provocadoras e os *bullies*- vítimas (...). As vítimas passivas representam o maior grupo de vítimas. Elas não provocam diretamente os *bullies*; parecem ser alunos fisicamente mais fracos e não se defendem. Também costumam ter poucos amigos, quando os têm. Às vezes são crianças que foram superprotegidas pelos pais. Alguns pesquisadores identificaram subgrupos desse grupo de vítimas. Por exemplo, vítimas indiretas são aqueles alunos que são afetados pelo medo e a ansiedade criados por uma cultura escolar que permite o *bullying*. Eles temem que possam tornar-se vítimas. Falsas vítimas são aquelas poucas que reclamam com os professores dizendo que foram intimidadas, frequentemente e sem motivo. As vítimas perpétuas são aqueles indivíduos que sofrem agressão durante toda a vida e podem até desenvolver uma mentalidade de vítima. (BEANE, 2010, p. 25).

O autor descreve o primeiro tipo de vítima, a vítima passiva. Menciona que representa a grande maioria quando se fala em *bullying* e apresenta ainda uma subdivisão em vítimas indiretas, falsas vítimas e vítimas perpétuas. Segundo o autor, a primeira é representada por aqueles alunos que devido à cultura do *bullying*, que se instalou no ambiente escolar, temem em se tornar vítimas dessa agressão; já a segunda, as falsas vítimas, são representadas por aqueles alunos que reclamam com os professores que são intimados constantemente e sem motivo .

O autor continua ainda descrevendo os outros tipos de vítimas:

Vítimas provocadoras representam um grupo ainda menor que o das vítimas passivas. Elas podem ser agressivas, especialmente com aqueles que parecem ser mais fracos que elas. Por terem poucos ou ineficientes mecanismos para lidar com a raiva, seus pares podem não gostar delas. Essas vítimas sempre reagem de maneira negativa ao conflito ou à perda.

Os bullies- vítimas representam uma pequena porcentagem dos praticantes do bullying. Essas são crianças que foram elas mesmas vítimas de agressão, em casa ou na escola, mas são mais fortes que aqueles a quem subjugam. (BEANE, 2010, p. 25)

Ainda sobre a subdivisão das vítimas, o autor apresenta as vítimas provocadoras, que, segundo ele, são aqueles que reagem sempre de maneira negativa ao conflito ou a perda. E se demonstram agressivas primordialmente com aqueles que parecem mais fracos que elas. O terceiro tipo de vítima, segundo Olwes, são as bullies-vítimas, representadas por crianças que em algum momento sofreram agressões na escola ou na própria casa, mas que são mais fortes do que aqueles que os agredem.

Sobre as características dos alvos de bulliying, Neto (2005) afirma que:

Considera-se alvo o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos. Entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa.

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua auto-estima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos. (NETO,2005, p.167)

O autor menciona algumas características gerais da vítimas, tais como o fato de serem expostas repetidamente às práticas do *bulliying*. Ele descreve esta vítima como

alguém incapaz de combater as agressões, sendo pouco sociável, insegura e com baixa auto-estima, esta última característica sendo agravada pelas constantes críticas advindas dos adultos que as rodeiam, principalmente sobre o comportamento delas.

O autor ainda descreve estas vítimas como alguém que acreditam serem merecedoras dessas agressões, seja pelo fato de terem poucos amigos, a vergonha, medo, a depressão e a ansiedade que comprometem de tal forma a auto-estima.

Neto (2005) afirma ainda "que algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo."

Diante do exposto, destaca-se que enquanto o segundo autor apresenta características gerais das vítimas do *bullying*, o primeiro cuida em detalhar cada tipo de vítima. Todavia, ambos concordam que a maior parte das vítimas são imensamente vulneráveis e incapazes de reagirem imediatamente às agressões.

Corroborando com este entendimento, Medina (2018) afirma que as vítimas de bullying:

Habitualmente, são crianças que não dispõem de recursos ou habilidades para reagir, são pouco sociáveis, sensíveis e frágeis, são os escravos do grupo, e não sabem revidar por vergonha ou por conformismo, sendo muito prejudicados por ameaças e agressões. (MEDINA, 2018, O agressor e a vítima da violência escolar. [Guiainfantil.com](https://br.guiainfantil.com). Disponível em <<https://br.guiainfantil.com/violencia-escolar/48-o-agressor-e-a-vitima-da-violencia-escolar.html>>. Acesso em 01 de maio de 2019.)

Mais uma vez verifica-se que a menção de que as vítimas são pouco sociáveis e que não sabem como se defender, seja por vergonha ou conformismo. No mesmo sentido Kalil (2011) relata que:

Em geral, seus alvos são crianças ou adolescentes pouco sociáveis, inseguros ou desesperançados quanto à possibilidade de adequação ao grupo, e que, em razão disto, não dispõem de muitos recursos para reagir ou cessar o *bullying*. (KALIL, 2011, Bullying: quem são suas vítimas e como combatê-lo? *EcoDebate*. Disponível em <<https://www.ecodebate.com.br/2011/02/07/bullying-quem-sao-suas-vitimas-e-com-o-combate-lo/>>. Acesso em 01 de maio de 2019.)

Assim sendo, concordam os autores aqui consultados que a vulnerabilidade das vítimas é o principal fator para se encontrarem nesta posição, vulnerabilidade esta

ocasionada pela insegurança, vergonha, falta de socialização, conformismo, ansiedade e depressão que ensejam sua constante baixo-estima.

Analisadas as características das vítimas para compreender a incidência do fenômeno e levantar prováveis hipóteses para sua diminuição e prevenção, cabe, então, verificar quem é o agressor nesta relação, quais suas características e quais as causas que os colocam nesta posição.

### 2.3 QUEM É O AGRESSOR

Com base no que se verificou quando se falou no conceito de bullying, se pode afirmar que o agressor é ou está mais forte no momento do bullying, tanto física e psíquica quanto socialmente.

Posto isto, Medina (2018) afirma que:

Normalmente, o agressor tem um comportamento provocador e de intimidação permanente. Ele possui um modelo agressivo na resolução de conflitos, apresenta dificuldade de colocar-se no lugar do outro, vive uma relação familiar pouco afetiva, e tem muito pouca empatia. (MEDINA, 2018, O agressor e a vítima da violência escolar. Guiainfantil.com. Disponível em <<https://br.guiainfantil.com/violencia-escolar/48-o-agressor-e-a-vitima-da-violenciaescolar.html>>. Acesso em 01 de maio de 2019.)

Assim, geralmente o agressor do bullying vive uma relação familiar com pouco afeto, praticamente não tem empatia e possui uma forma agressiva de resolver conflitos. Diante do exposto, ressalta-se que o agressor necessita de tanta atenção quanto a vítima, pois também carrega abalos emocionais e até mesmo físicos que o colocam nessa posição na relação mencionada. A autora continua a exposição do agressor, afirmando que:

Segundo os especialistas, criminalistas e psicólogos, uma criança pode ser autor de bullying quando só espera e quer que façam sempre sua vontade, quando gosta de provar da sensação de poder, quando não se sente bem ou não desfruta com outras crianças, se sofre intimidações ou algum tipo de abuso em casa, na escola ou na família, quando é frequentemente humilhado por adultos, ou quando vive sob constante pressão para que tenha êxito em suas atividades. (MEDINA, 2018, O agressor e a vítima da violência escolar. Guiainfantil.com. Disponível em <<https://br.guiainfantil.com/violencia-escolar/48-o-agressor-e-a-vitima-da-violenciaescolar.html>>. Acesso em 01 de maio de 2019.)

A autora destaca ainda algumas características do agressor de bullying, dentre estas o fato de gostar de provar a sensação de poder e o desejo que realizem sempre suas vontades. De igual forma, Silva (2015, p.41) afirma que existe no agressor "um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado por meio da força física ou do intenso assédio psicológico".

Ainda, persistindo na tentativa de desenhar o perfil do agressor, Silva (2015) destaca que ambos os sexos podem ser autores do bullying e que em sua personalidade possuem traços de desrespeito e maldade. Nesse sentido, Medina (2018) afirma que as ações do agressor contra sua vítima vão desde provocar uma fofoca, contar mentiras, boatos, manter a vítima isolada até bater, molestar provocar e agredir com empurrões e socos essa vítima.

Silva (2015) não deixa de mencionar ainda que:

O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. Nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros podem ser observados desde muito cedo (por volta dos cinco ou seis anos). Essas ações envolvem maus- tratos a irmãos,coleguinhas, animais de estimação, empregados domésticos ou funcionários da escola. (SILVA, 2015. p.42).

Diante do exposto, verifica-se que tanto Medina (2018) quanto Silva (2010) concordam em afirmar que o agressor de bullying sofre com a falta de afeto e que a ausência de empatia lhe faz agir mal a todas as situações negativas em que se encontra. Nesse sentido, é possível afirmar que nos agressores também existe grande vulnerabilidade emocional

Importante ainda salientar que estudiosos já reconhecem a empatia como uma possível prevenção do bullying, isto porque, embora os agressores possam ter uma percepção do que o outro sente, não conseguem evitar suas ações maldosas e que, embora possam até sentir certo arrependimento, não conseguem cessar as provocações, ou seja, na realidade não levam em conta os sentimentos do outro.

Diante dos pontos abordados, não é suficiente apenas a punição do agressor, isto porque, geralmente, o agressor revela problemas em casa que acarretam sua vulnerabilidade emocional, e embora esteja mais forte no momento do bullying, tanto

física e psíquica quanto socialmente, merece tanta atenção quanto às vítimas de sua agressão. E apenas medidas de educação são capazes de afastar suas más ações.

### **3. METODOLOGIA**

O método a ser empregado neste estudo é o indutivo, tendo como abordagem para o desenvolvimento da pesquisa, a análise e a percepção de autores, sobre os temas: bullying escolar; empatia; e as consequências destes.

Apresentando dessa forma, após todas as análises estudadas uma conclusão dos objetos relativos à natureza do assunto. Nesse método também serão analisadas generalizações aceitas, de um todo, com relação às leis abrangentes brasileiras e mais especificamente as do município de Paranaguá - PR, em torno do tema, relacionando a casos concretos.

A pesquisa se deu com o levantamento de referencial teórico em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias.

### **4. INCIDÊNCIA DO BULLYING NAS ESCOLAS BRASILEIRAS E PROVÁVEIS FATORES DE RISCO**

Relatório da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) divulgado em 2018 reportou que cerca de 150 milhões de estudantes entre 13 e 15 anos de idade já foram vítimas de bullying.

De acordo com a folha de São Paulo (2018):

O relatório *An Everyday Lesson: #ENDviolence in Schools*, que em uma tradução livre para o português significa *Uma lição diária: Pelo fim da violência nas escolas*, afirma que a

violência entre colegas ocupa um papel dominante na educação de jovens em todo o mundo. A agressão sofrida no ambiente escolar, física ou psicológica, tem impacto na aprendizagem e no bem-estar dos estudantes, independentemente de residirem em países pobres ou ricos.

O estudo aponta que a agressão sofrida no ambiente escolar tem impacto direto na aprendizagem e no bem-estar dos estudantes. E ainda sobre uma avaliação comportamental dos alunos em 39 países industrializados, reportou que 30% admitiram ter praticado *bullying* contra colegas. O Unicef não apresenta números sobre os adolescentes brasileiros, mas com base em estudos realizados anteriormente no país, a entidade afirma que a violência dentro e no entorno das escolas também impacta meninas e meninos no Brasil. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

O jornal apontou estudo da "Pense" (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) realizado em 2015 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para afirmar que 14,8% dos estudantes do nono ano declararam ter deixado de ir à escola, pelo menos um dia, nos 30 dias anteriores à pesquisa, por não se sentir seguros no trajeto entre a casa e a instituição de ensino. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Outros índices da pesquisa também foram mencionados:

Sobre a prática de bullying, 7,4% dos estudantes entrevistados disseram ter sido vítima desse tipo de violência na maior parte do tempo ou todo o tempo nos 30 dias que antecederam a pesquisa e, no mesmo período, 19,8% admitiram ter praticado bullying.

Em relação a brigas e lutas físicas, 23,4% responderam ter passado por essa situação pelo menos uma vez nos 12 meses anteriores à pesquisa, e 12,3% disseram ter sido seriamente feridos pelo menos uma vez no mesmo intervalo de tempo. Entre os estudantes que se envolveram em agressões físicas, 5,7% revelaram que alguém usou arma de fogo e 7,9% relataram o uso de arma branca. O percentual é maior entre meninos (10,6%) do que entre meninas (5,4%) e também entre estudantes da rede pública, com um índice de 8,4% ante 5,3% da rede particular.

Constatou-se, com base no estudo, que o maior índice de agressões ocorre entre meninos da rede pública. Aponta ainda o envolvimento de armas de fogo e armas brancas nas agressões. O estudo revelou que 7,4% dos estudantes entrevistados disseram ter sido vítima desse tipo de violência na maior parte do tempo ou todo o tempo nos 30 dias que antecederam a pesquisa e, no mesmo período, 19,8% admitiram ter praticado bullying (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

É possível concluir que no Brasil a prática de bullying é uma realidade atual e que seu índice de ocorrência é considerável, mesmo que, certamente, vítimas e agressores não tenham relatado suas experiências quando confrontados na pesquisa.

Suprida a necessidade de verificação dos índices atuais do bullying nas escolas, é interessante destacar quais seriam os prováveis fatores para a ocorrência deste fenômeno nas escolas. Neste contexto, e sobre o questionamento de que se "haveria um incentivo involuntário aos problemas de desrespeito, a autora Beaudoin (2006) destaca que:

Embora a maioria das pessoas esteja ciente de que vivemos em uma cultura capitalista, individualista, patriarcal, que frequentemente é intolerante em relação às diferenças (padrões restritos de normalidade, pouca aceitação das diferenças (padrões restritos de normalidade, pouca aceitação das diferenças de raça, de orientação sexual, etc.), muitos não percebem a implicação desses discursos amplos em seu cotidiano. Em geral, nessas culturas, as instituições passam a estruturar-se por temas como a competição, as regras, as conquistas, a avaliação, a recompensa e a punição e as hierarquias de poder. Não há nada de errado *per se* com as culturas que funcionam sob essas culturas (discursos), ou com as estruturas propriamente ditas; é a sua aplicação exagerada, constante e rígida que pode levar a efeitos negativos. Na verdade, enquanto algumas pessoas talvez trabalhem bem dentro das nuances dessas estruturas como bloqueios (ou pressões) contextuais, os quais limitam opções e identidades. Alguns desses bloqueios, em especial, podem acabar contribuindo para o desrespeito e o bullying, já que os alunos que lutam contra esses problemas geralmente recebem uma dose extra de práticas de ensino, tais como as regras, as avaliações e a pressão pela melhora.

Esses alunos também podem reagir com ressentimento nas atividades competitivas, as quais muitas vezes revelam o que neles há de pior. (BEAUDOIN, 2006. p. 29).

Percebe-se que a autora levanta fatores como a competição, as regras, as conquistas, a avaliação, a recompensa e a punição e as hierarquias de poder para afirmar que a aplicação exagerada destas em relação aos jovens os levam à construção de "bloqueios contextuais". Estes bloqueios acabam, mesmo que involuntariamente, exacerbando os problemas do desrespeito e do bullying. Ela relata que existem quatro principais bloqueios que acentuam esses problemas no ambiente escolar, quais sejam: a competição, as regras, uma ênfase exagerada em relação às conquistas e a avaliação.

Em relação à competição entre os alunos, Beaudoin (2006) afirma que:

Na América do Norte e em muitos países capitalistas, a competição parece ser o que une as atividades escolares, um elemento utilizado como motivador fundamental para seduzir as crianças a um desempenho. Ao longo do dia, os

professores emitem um número significativo de comentários competitivos - sem que jamais tenham consciência das implicações que estão por trás destes. [...]

A competição pode ser uma forma fácil de aumentar o entusiasmo em uma atividade até então cansativa. É barata, prontamente disponível e rápida. Embora a competição aja como uma droga que cria um momento de pico nas atividades, também produz sérias implicações. Em primeiro lugar, apenas uma pessoa é vencedora, restando várias outras desapontadas ou frustradas. [...]

Para os alunos que lutam para deixar de se envolver com o desrespeito e o bullying, a competição é um convite a problemas. O estresse e a frustração inevitáveis de se enxergar nos outros um oponente podem ser excessivamente estimulantes. O que normalmente ocorre é que os alunos que têm problemas questionam sua auto-estima enquanto pessoas, e a competição transforma-se tanto em um contexto para provar que eles têm auto-estima(o que significa que há muito em jogo), ou acaba sendo outra oportunidade de esses alunos confirmarem a si mesmos a idéia de que são perdedores ou inadequados. (BEAUDOIN, 2006. p.30 e 31)

Conforme a autora, a competição pode levar os estudantes a questionarem sua auto-estima, uma vez que, no contexto da competição, sempre há apenas um vencedor, enquanto os outros acabam frustrados e desapontados.

Ainda sobre os bloqueios contextuais, Beaudoin (2006) fala sobre as regras:

[...]Diante da relatividade entre o certo e o errado, você sempre pode encontrar um contexto no qual uma regra completamente lógica não faz sentido. Essa situação pode ocorrer ao lidarmos com alunos que são afetados por uma ampla gama de experiências, como questões que envolvam a saúde mental, as diferenças de cultura e de classe e o abuso, e ao lidarmos com aqueles que estão lutando para deixar de se envolver com o desrespeito e o bullying. Alunos que enfrentam conflitos no sistema educacional são geralmente infelizes. Devido ao grande espaço de tempo gasto na escola e ao efeito desestabilizador da infelicidade, essas pessoas tornam-se muito analíticas na tentativa de encontrar soluções. Esse processo habitualmente envolve um volume significativo de questionamentos em torno de sua própria auto-estima e das situações que estão provocando sofrimento em suas vidas. Quanto mais os alunos

demoram-se nesse questionamento da sua auto-estima, maior a possibilidade de que questionem a situação e as regras que lhe trazem problemas. Consequentemente, é típico desses alunos serem mais inflexíveis do que os outros, obrigando, às vezes, os adultos a questionar as regras de um modo desconfortável e difícil de justificar. Em uma tentativa de sobrevivência, esses alunos questionam as coisas como forma de lidar com o sistema.

(BEAUDOIN, 2006. p.33 e 34)

Em contrapartida aos “bloqueios” apresentados pela autora, acredita-se que a empatia, quando presente no ambiente escolar, ajuda a combatê-los, na medida em que, mesmo havendo competição e cobrança neste ambiente, a empatia na forma de

habilidades sociais aproxima os alunos afetiva e cognitivamente, promovendo a sua socialização.

### 3.1 PERCEPÇÃO DO BULLYING NAS ESCOLAS PARNANGUARAS

A lei 3.079 de 13 de maio de 2010 "institui a campanha permanente sobre inclusão de medidas de prevenção, conscientização e combate ao bullying escolar nas escolas públicas e particulares de educação básica do município de Paranaguá e dá outras providências".

A lei sancionada pelo Prefeito da cidade na época, José Baka Filho, determina que:

Art. 1º Fica instituída, na forma desta lei, a campanha permanente sobre inclusão de medidas de prevenção, conscientização e combate ao bullying escolar nas escolas públicas e particulares de educação básica do Município de Paranaguá.

Art. 2º Entende-se por bullying, atitudes de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por um indivíduo (bully) ou grupos de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Art. 3º A violência física ou psicológica pode ser evidenciada em atos de intimidação, humilhação e discriminação, entre os quais:

I- insultos pessoais;

II - comentários pejorativos;

III - ataques físicos;

IV - grafitagens depreciativas;

V - expressões ameaçadoras e preconceituosas;

VI - isolamento social;

VII - ameaças; e VIII - pilhérias.

Art. 4º O bullying pode ser classificado em três tipos, conforme as ações praticadas:

I - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

II - exclusão social: ignorar, isolar e excluir; e

III - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, infernizar, tyrannizar, chantagear e manipular.

Verifica-se que a lei cuidou em seus artigos 2º ao 4º a determinar o que se entende por *bullying* e ainda deu os ditames para implementação do projeto nas escolas, dividindo a responsabilidade das escolas com os pais e a sociedade:

**Art. 5º** Para a implementação desta campanha, cada unidade escolar criará uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas, de orientação e prevenção.

**Art. 6º** São objetivos da Campanha:

- I - prevenir e combater a prática de bullying nas escolas;
- II- capacitar docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - incluir, no Regimento Escolar, após ampla discussão no Conselho de Escola, regras normativas contra o bullying;
- IV - esclarecer sobre os aspectos éticos e legais que envolvem o bullying; V - observar, analisar e identificar eventuais praticantes e vítimas de bullying nas escolas;
- VI - discernir, de forma clara e objetiva, o que é brincadeira e o que é bullying; VII - desenvolver campanhas educativas, informativas e de conscientização com a utilização de cartazes e de recursos de áudio e audiovisual;
- VIII - valorizar as individualidades, canalizando as diferenças para a melhoria da auto-estima dos estudantes;
- IX - integrar a comunidade, as organizações da sociedade e os meios de comunicação nas ações multidisciplinares de combate ao bullying; X - coibir atos de agressão, discriminação, humilhação e qualquer outro comportamento de intimidação, constrangimento ou violência;
- XI - realizar debates e reflexões a respeito do assunto, com ensinamentos que visem a convivência harmônica na escola;
- XII - promover um ambiente escolar seguro e sadio, incentivando a tolerância e o respeito mútuo;
- XIII - propor dinâmicas de integração entre alunos e professores;
- XIV - estimular a amizade, a solidariedade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar;
- XV - orientar pais e familiares sobre como proceder diante da prática de bullying; e XVI - auxiliar vítimas e agressores.

**Art. 7º** Compete à unidade escolar aprovar um plano de ações, no Calendário da Escola, para a implantação das medidas previstas na Campanha.

De igual forma, a lei 13.185 de 06 de novembro de 2015 instituiu o “Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying)”. Percebe-se que a partir de então apresenta-se mínima preocupação com assunto na medida que a lei ao menos reconhece o problema *bullying* e estabelece ditames para um programa destinado a combater o fenômeno.

Todavia, nem sempre as escolas de Paranaguá demonstraram preocupação ou agiam para o combate do *bullying*. Em minha experiência pessoal pude vivenciar, em 2005, uma situação relativa em que me deparei com o meu filho em casa, que sofria

do mesmo mal. Ele não me contava, mas com a experiência que eu tinha, via que ele não estava bem. Eu ficava sempre bem próxima, mas ele não relatava nada. Só dizia que não era nada. O que ele me dizia é que não queria ficar na casa dos avós paternos, preferia ficar em casa sozinho.

Eu trabalhava fora, a noite, e durante o dia estudava, mesmo assim eu sempre estava mais próxima possível. Fui à escola sem ele saber, conversei com a professora, ela disse que ele era quieto, mas que não estava acontecendo nada. Eu conversava sempre com ele e dizia que era para me ligar a qualquer hora que precisasse que eu viria correndo; eu o observava sempre, ele fazia vôlei, natação, e sempre que chegava conversava comigo sobre os exercícios físicos, aliás conversávamos muito, sobre tudo, ele sempre foi muito extrovertido, participava de tudo que era apresentação na escola e na igreja católica, onde íamos aos domingos.

Mas após um tempo começou ficar mais quieto, não queria ir à escola, sempre inventava algo para não ir, mas mesmo assim não me dizia nada. Voltei à escola, de novo a professora disse que não tinha nada (ele tinha 9 nove anos).

Num certo dia, me liguei na faculdade, falando para eu ir na escola porque ele não aguentava mais uma menina que o perturbava. Ele falou com a diretora, disse ele, mas ela argumentou que era apenas uma brincadeira, e que por ser homem não deveria ligar. Como assim? Eu fiquei perplexa. Fui correndo pra escola, mas a diretora, entre outros, já tinham ido embora. Meu filho apontou a menina no ponto ônibus, fui falar com ela, perguntei o porque que ela fazia tudo isso, se meu filho tinha feito alguma coisa para ela, mas me disse que não fazia nada que eram outros meninos, mas a colega que sempre estava com o meu filho, logo a desmentiu, disse que ela fazia sim. Foi assim que eu soube que o problema era mais grave, pois xingavam ele de “*mariquinha*”, “*veadinho*”, “*elefante rosa*” porque ele é bem branquinho, “*porquinho*”, e por aí vai.

Faltavam dois meses para acabar a aula, no final do ano. Eu ia todos os dias na escola de manhã antes de ir pra faculdade, e as coisas amenizaram um pouco. Quando ele foi para o quinto ano do ensino fundamental, parecia que estava tudo bem, porque ele não me contava nada, já um pouco maior sabia esconder melhor seus sentimentos.

Eu sempre estava presente, conversando, orientando, mas dizia que estava tudo bem. Com outras crianças do meu estágio e como voluntária era só identificar o que estava acontecendo fazíamos a notificação e encaminhávamos para o Conselho Tutelar ou para o Juizado da Infância e Juventude. Mas com meu filho, o que eu faria?.

O tempo passou e ele foi para o ensino médio, a situação piorou, ele estava agressivo, nervoso, estava revoltado, vivia ansioso. Eu, como mãe, já sabia por que ele vivia tão apreensivo, eu queria que ele me falasse, mas ele não tinha coragem. Eu sabia que ele era gay, mas, para mim, isso não importava, o que importava para mim era ele, que era meu filho. Cheguei nele e falei que ele não precisa ficar assim do jeito, que estava tudo bem, eu já sabia que ele era gay e isso para mim não importava. Ele olhou pra mim e perguntou se era sério o que eu falei, se eu não ia expulsá-lo de casa, porque naquele dia um irmão de uma colega depois que os pais souberam da sua sexualidade o expulsaram de casa e ele se matou, e meu filho disse que estava muito triste por isso também. Ele disse que ele também não queria ser assim, ele não pediu para ser assim, e achava que ele deveria fazer isso também. Por não aguentar mais piadinhas e nem ser julgado pelo que era. Foi chute no meu coração, fiquei em pedaços por dentro, mas eu tinha que me manter forte por ele.

Vi que tudo que passei e que foi *bullying* não era nada diante de todo sofrimento vivido pelo meu filho. Conversamos muito nesse dia, eu disse para ele que desde que ele não usasse drogas, não roubasse, e não se prostituir porque ele não precisa disso, e não passasse perna em ninguém, que ele poderia fazer o que ele quisesse da vida dele, fiz com que ele entendesse que independente de sua sexualidade, ele sempre seria o meu filho e eu ajudaria no que fosse preciso, com ajuda de Deus nós íamos nos ajudar.

Com isso, ele teve uma outra fala, dizendo *“Que Deus, mãe.... ele não existe, ele não ajuda ninguém, eu pedi tanto pra ele me ajudar porque eu não queria ser assim e ele não me ajudou. Eu fiz tanta coisa fiquei sem comer, fiz corrente na igreja, coloquei uma fita branca no meu braço com 10 anos pedindo pra Deus soltar aquela fita, porque se ele solta-se eu sabia que eu estava curado.”*

Eu me lembro dessa fita, estava até preta, e eu sempre perguntava o porquê daquela fita encardida no braço dele, que era para tirar, se fosse por causa de pulseira eu daria uma para ele. Ele dizia que ele gostava dessa mesmo. Um dia fui tentar tirar, para lavar, ele fez um escândalo, dizendo: *“não pode tirar, é um pedido meu, não pode tirar”*; perguntei que pedido era, e ele respondeu: *“Mãe pedido, não pode ninguém saber, só depois que se realizar.”* Um dia a pulseira não estava mais e nesse dia ele ficou tão feliz, mais não por muito tempo, logo estava triste de novo. Falou-me que a pulseira caiu, arrebentou, pensou que meu pedido tinha se realizado, mas que continuava a mesma pessoa, com o mesmo pensamento e sentimento. Eu soube também que na nossa própria família, quando ele era criança, o trancaram quarto só porque ele viu a foto de um menino e o achou bonito, dizendo que menino não fala e não acha outro menino bonito, isso levando ele aos berros xingando de gay, mariquinha, gordo e mais algumas coisas. Isso tudo quando eu não estava em casa. E perguntei por que ele não me falou, mas disse que não sabia o que estava acontecendo, e não queria me incomodar.

Esse dia para mim foi horrível, por saber tanta coisa, parecia que eu era uma desconhecida ali. Fui acometida por um sentimento de culpa, meu filho não merecia nada disso, sempre foi responsável, amoroso, humano, sempre tenta ajudar seu próximo. É um orgulho pra mim. Eu sempre digo não para ele, querem atacar, ataquem a mim, fui eu que coloquei no mundo, ele não pediu para nascer. Mas, depois de tudo isso, se aceitando mais, ele se tornou carinhoso e amoroso, como sempre foi.

Quando terminou o ensino médio, queria fazer vestibular e fazer faculdade em outra cidade. No começo relutei, porque eu queria ele perto de mim, queria protegê-lo. Mas eu não podia proibi-lo, eu não tinha esse direito, eu mesmo já tinha dito que ele poderia fazer o que quisesse.

Deixei ir, agora com 23 anos, foi aprovado em dois cursos Federais. Quando estava no segundo ano de um curso desistiu por causa de um professor preconceituoso o fez lembrar todo sofrido já passado. Mas eu estava sempre o orientando, ajudando-o da melhor maneira possível.

No entanto, devido aos acontecimentos políticos da atualidade, sentiu-se acuado, ansioso, deprimido, chegando ao ponto de tentar suicídio. Agora está em acompanhamento de um psicólogo, e se sente melhor. Em um primeiro momento não queria procurar ajuda médica, bem como havia feito enquanto frequentava o ensino médio, mas compreendeu o risco de sua condição e "*está vivendo um dia de cada vez*" com a ajuda de um especialista que após análise dirigida por especialista, sobre o motivo que a doença surgiu, identificou-se que foi devido aos ataques de bullying sofridos por ele. Atualmente, o mesmo ele tem dificuldades de falar em público com medo do julgamento dos outros. Tem sono excessivo deixando de realizar atividades saudáveis para a sua vida, além de pensamentos suicidas. Passou ainda por uma fase perturbadora que o levou a tentativa de suicídio.

Embora tenha apoio da família, e apoio emocional de especialistas, o jovem ainda não conseguiu se livrar da doença, pois segundo ele é sempre ativada por pessoas que o apontam e o julgam, até mesmo por professores da faculdade, que por falta de empatia, ou de conhecimento, identificavam as atitudes dele como falta de interesse apenas, mas não como sintomas da depressão.

Esse relato é importante porque mostra como na época em que aconteceram esses fatos as escolas as quais frequentou demonstraram-se totalmente despreparadas para atendê-lo. Não reconheceram o problema e se omitiram na ajuda quando procuradas.

Em análise às práticas para prevenção e combate ao bullying e inclusão, verificou-se que nos últimos anos houve relevantes medidas, dentre estas, uma que foi publicada na Folha do Litoral, em 2017:

A Escola Municipal Integral Nascimento Júnior realizou na terça-feira, 24, mais um encontro do Sistema Educacional Família e Escola (SEFE), aplicado em várias unidades do município. A iniciativa tem como objetivo aproximar os pais dos alunos das atividades da escola, fazendo com que as maiores beneficiadas sejam as mais de 400 crianças de 5 a 11 anos que estudam na escola. O bullying ganhou novamente notoriedade após o atentado em uma escola em Goiás, quando um aluno de 14 anos matou dois colegas de sala, feriu outros quatro e uma pedagoga conseguiu conter o adolescente. O vídeo do relato da profissional sobre como tudo aconteceu foi, inclusive, apresentado durante o encontro na Escola Nascimento Júnior. A pedagoga orientadora da escola, Flávia Lima, contou que há alguns anos o SEFE é aplicado no município, ficando a cargo de cada gestão a inserção de temas de relevância para a realidade vivenciada nas

comunidades escolares. O bullying foi acrescentado no último encontro em virtude de um trabalho já desenvolvido pela pedagoga.

“Acrescentei o tema bullying porque vem ao encontro de outro projeto que eu desenvolvo chamado Oppa (Orientação para Pais, Professores e Alunos). Através do comportamento das crianças vimos que era necessário abordar o tema. Costumamos fazer rodas de conversa, um momento em que eles contam suas frustrações, seus medos, suas angústias e, no próprio intervalo, conseguimos verificar algumas situações”, explicou Flávia.

Verifica-se que nesta oportunidade a pedagoga menciona rodas de conversa realizadas com os alunos, pais e professores, o que demonstra que a escola criou a oportunidade dos alunos apresentarem suas frustrações, medos e angústias.

Outra medida interessante, que envolve inclusão, é apresentada no próprio site da prefeitura de Paranaguá, manifestação realizada no ano de 2019 pelo Centro Municipal de Educação Infantil Paulo Freire, na qual recebeu o projeto denominado "Patás do Bem":

A alegria e simpatia do cão Naruto animou o dia das crianças do Centro Municipal de Educação Infantil (Cmei) Paulo Freire. O estabelecimento educacional recebeu na tarde desta quinta-feira, 14, o projeto “Patás do Bem nas Escolas”, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Ensino Integral (Semedi). A iniciativa trabalha com a Terapia Assistida por Animais (TAA), junto com profissionais da área da saúde como terapeutas ocupacionais, psicoterapeutas ou psicólogas que utilizam o cão como um elemento motivador para conseguir objetivos que não são alcançados nos meios tradicionais.

“O trabalho está cada dia melhor. Vir as escolas é um novo desafio para que mais crianças pudessem participar, conhecer o Naruto e aprofundar a discussão sobre autismo, mostrar um pouco mais de como ocorre o trabalho de terapia. Estamos gostando muito”, destaca Felipe Franco, assessor do Patás do Bem.

“O encontro com as crianças é sempre momento de alegria. Estamos muito felizes com os resultados do projeto e agora essa expansão, levando para as escolas municipais o que o Patás do Bem tem a oferecer”, ressalta Amanda Roque, coordenadora do projeto.

O objetivo desta parceria é realizar atividades que divulguem o autismo, ajudando aos pais, professores e as profissionais da educação a entenderem esta doença, evitando assim o bullying na escola e motivando a autoestima do aluno.

“Para nós é uma emoção. Cada vez que o Patás do Bem chega e vemos aquele amor incondicional das crianças e escutarmos o depoimento de uma mãe relatando que o filho está muito feliz com a terapia que recebeu e os avanços que ocorreram é muito bom”, salienta a secretária municipal de Educação, Vandecy Dutra.

O projeto “Patás do Bem nas Escolas” acontece todas as quintas-feiras nas escolas municipais, conforme cronograma pré-estabelecido em conjunto com a Semedi. Além disso, o projeto atua na APAE, na escola Eva Cavani e no CMAE.

"De acordo com a publicação, o objetivo desta parceria é realizar atividades que divulguem o autismo, ajudando aos pais, professores e as profissionais da educação a

entenderem esta doença, evitando assim o bullying na escola e motivando a autoestima do aluno". Verifica-se, então, uma medida de prevenção ao bullying e motivação da auto-estima.

Com base nesses casos, é possível confirmar que as escolas em Paranaguá estão caminhando para uma mudança. Todavia, o que se espera é que as medidas sejam diárias, rotineiras e bem executadas e de forma a se tornarem uma política adotada em todas as escolas a partir de uma política pública que garanta isso.

#### 4. CONSEQUÊNCIAS INDIVIDUAIS E SOCIAIS PROVOCADAS PELO BULLYING

Conforme Viegas (2018), “as consequências do *bullying* podem ser prejudiciais para o desenvolvimento adequado das atividades em sala de aula e para a construção de um processo de aprendizado eficiente. Além de afetar o contexto educacional, o *bullying* pode prejudicar o desempenho dos alunos e causar danos psicológicos e físicos.”

Segundo Silva (2015, p.23), “a prática do bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis.” A autora ainda afirma que:

Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjoo), diarreias, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de nó garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular e formigamentos.

Vale a pena ressaltar que esses sintomas, isolados ou múltiplos, costumam causar elevados níveis de desconforto e prejuízos às atividades cotidianas do indivíduo. (SILVA, 2015, p.24).

Verifica-se que afetados pelo bullying apresentam sintomas físicos tais como, dor de cabeça intensa, dificuldade de concentração, cansaço agudo, e insônia, além de náuseas, boca seca, diarreia e palpitações. Além de alergias, crise de asma, tremores, sensação de nó na garganta, tonturas e desmaios, Calafrios, atenção muscular e formigamentos.

Desta forma, observa-se que não são apenas sintomas ou doenças psíquicas emocionais que afetam indivíduos desta relação, mas que sintomas físicos e incômodos são apresentados, de forma conjunta, sendo múltiplos os sintomas ou de forma isolada.

A autora apresenta ainda doenças e fobias ocorridas em circunstância do bullying, tais como o transtorno do pânico, o TAG, a Fobia escolar e a fobia social. Nesse sentido, SILVA (2015) apresenta um pouco sobre a ocorrência destas doenças:

O transtorno do pânico caracteriza-se pelo medo intenso e infundado, que parece surgir do nada, sem nenhum aviso prévio. O indivíduo é retomado por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos (Taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, suores etc.), sem razão aparente. Um ataque de pânico dura, em média, de vinte a 40 minutos. Esse curto espaço de tempo é um dos momentos mais angustiantes que um indivíduo pode vivenciar. [...]

A fobia escolar caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetência por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre tem fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico dentro da própria escola. Isto é, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes.

Quem apresenta fobia social, também conhecida por timidez patológica, sofre de ansiedade excessiva e persistente, com o temor exacerbado de se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado e avaliado negativamente. Assim, como decorrer quanto tempo, tal indivíduo passa a evitar qualquer evento social ou procura esquivar-se deles, o que traz sérios prejuízos em sua vida acadêmica, profissional, social e afetiva.

O TAG ou transtorno de ansiedade generalizada é uma sensação de medo e insegurança persistente, que não “larga do pé”. A pessoa que sofre de TAG preocupa-se com todas as situações ao seu redor, desde as mais delicadas e importantes até as mais corriqueiras. Ela amanhece o dia com a nítida sensação de que se esqueceu de fazer alguma coisa imprescindível ou de que não vai dar conta de seus afazeres.(SILVA,2015, pgs. 25-26)

Observa-se que as doenças apresentadas pela autora estão acompanhadas de sintomas psicossomáticos, tais doenças são extremamente angustiantes. Além destas, existem outras, que também se encontram de alguma forma ligadas às práticas do bullying, quais sejam a anorexia e bulimia, o transtorno obsessivo-compulsivo, o transtorno de estresse pós-traumático, e a depressão, uma doença das mais angustiantes. Sobre a depressão, Silva (2015) afirma que:

A depressão não é apenas uma sensação de tristeza, de fraqueza ou de baixo-astral. É muito mais do que isso: trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento. Os sintomas mais característicos de um quadro depressivo são: tristeza persistente; ansiedade ou sensação de vazio; sentimentos de culpa, inutilidade e desamparo; insônia ou excesso de sono;

perda ou aumento de apetite; fadiga e sensação de desânimo; irritabilidade e inquietação; dificuldades de concentração e de tomar decisões; sentimento de desesperança e pessimismo e perda de interesse por atividades que anteriormente despertavam prazer; ideias ou tentativa de suicídio. (SILVA, 2015, p. 26-27)

A depressão é extremamente perigosa e seus os sintomas vão desde uma tristeza persistente até o suicídio ou tentativas dele, os sintomas são também físicos como a insônia ou sono excessivo. É importante destacar que o bullying tem suas consequências até a vida adulta.

Por isso, as escolas devem estar preparadas para combater as práticas de bullying, pois além de prevenir sintomas e doenças na infância e na adolescência, evitam que na vida adulta as pessoas estejam marcadas por doenças como a depressão, que as prejudicam na vida emocional, acadêmica e profissional.

## **5. A EMPATIA COMO MEDIDA PARA PREVENIR O BULLYING NAS ESCOLAS DE PARANAGUÁ**

De acordo com o Dicionário da língua brasileira, a empatia é apresentada como “a capacidade psicológica que uma pessoa tem de se identificar com outra pessoa, ideia ou objeto.” E seus sinônimos são: simpatia, afeição, afinidade e identidade. Sendo assim, é “a ação de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como ela pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias.” (Dicio - Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em 30 jun de 2019).

Posto isto, é importante que alunos de todas as idades tenham a possibilidade de desenvolver atitudes empáticas para que seja possível uma sociedade mais madura, inteligente e conectada entre si, evitando problemas como bullying, intolerância, preconceito e violência.

Em texto produzido pela equipe da Futuro Eventos (2018) afirma-se que a “empatia transforma o indivíduo para melhor e tem o poder de impactar positivamente o ambiente social de uma escola. Na psicologia, existem dois tipos de abordagem sobre a empatia: a afetiva e a cognitiva.”

Empatia afetiva é uma forma de compartilhar as emoções de outras pessoas, como, por exemplo, um grupo que vibra ao ver seu colega de classe vencer em

algum esporte. Já a empatia cognitiva é uma forma de tomar a perspectiva do outro, quando tentamos nos pôr no lugar de outra pessoa, estar na pele dela e tentar entender o que sentiríamos. (EQUIPE FUTUROS EVENTOS, Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1QqbFm24P0s2NBjlrGWXm8LkboGg4FFiqliF6nwcNAc/edit#>)

Sendo assim, a empatia cognitiva significa que é possível se compreender como a outra pessoa vê o mundo. Quando alguém se comunica com outra utilizando termos diferentes ou palavras específicas às suas para se aproximar da outra, pode ser um sinal de empatia cognitiva. Já a empatia afetiva significa que a pessoa consegue se sentir da mesma forma que a outra. Na Educação Infantil, ao trabalhar a empatia na sala de aula, os professores conseguem influenciar positivamente crianças em seus primeiros contatos com a sociedade, firmando, na formação desses alunos, a importância de olhar para o outro e ser mais compreensivos com as possibilidades dadas a cada pessoa.

Uma boa primeira atividade é a prática de conversar sobre sentimentos de cada um dos alunos da turma. Frisando a importância dos sentimentos, sejam eles bons ou ruins e aumentando a percepção de que as pessoas sentem diferentes coisas em uma mesma situação. Dessa forma, as crianças criarão laços entre elas e com os professores, tornando mais fácil a identificação de problemas e a resolução dos possíveis transtornos.

Algumas atividades lúdicas também são essenciais para esse desenvolvimento acontecer desde cedo. Uma delas é a contação de histórias com personagens, muitas vezes animais, que passam por alguns percalços em suas jornadas.

Como já foi citado anteriormente, algumas atividades como esta já têm sido implantadas nas escolas da cidade de Paranaguá. O que se espera é que não sejam apenas eventos esporádicos, mas que estejam presentes no dia a dia dos alunos.

Ainda sobre a Educação Infantil, apresentam-se como sugestões de atividades com envolvimento de valores e afeto, incentivando o afeto em demonstrações físicas como abraços, por exemplo, com intuito de trabalhar tudo aquilo que os alunos podem alcançar através de sua capacidade de compreensão, cultivando o amor, o afeto e até mesmo a socialização ainda não percebida entre os pequenos alunos.

Paulo Freire, um dos maiores educadores do século XX, afirma:

Escutar, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro..

. é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias (FREIRE, 2002, p. 44).

Compreende-se esta citação como uma medida de empatia a ser realizada pelos profissionais de educação, isto porque, quando um prática de bullying é levada ao conhecimento de um pedagogo, orientador educacional ou até mesmo a um professor este deve se mostrar simpático à situação, demonstrando interesse ao sofrimento do aluno. Ainda, cabe aos profissionais a tentativa de compreensão dos ambientes vividos pelo agressor e pela vítima, na escola e em casa também. A tentativa de amenizar situações que podem estar gerando as atitudes do agressor também é uma demonstração de empatia.

Foi exatamente isto que faltou nos relatos apresentados neste artigo, pois os responsáveis pelo ambiente escolar não demonstraram nenhum interesse pelo que acontecia e se apresentaram omissos à situação.

Nesse sentido, é preciso destacar que não basta pensar que a empatia deva ser trabalhada somente com os alunos, mas ela também deve ser exercitada entre professores, orientadores, e pedagogos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo, que nasceu de uma experiência pessoal, me traz como pesquisadora, mãe e pedagoga. Ele nasceu da esperança de que pequenas e cotidianas práticas as escolas possam combater o *bullying* por meio da criação de situações que pratiquem a empatia.

Ao trazer à tona as memórias do meu passado, vi o quanto ele está presente em minha própria vida, assim como esta nos casos de bullying que ainda hoje e com cada vez mais frequência acontecem nas escolas. Isso me motivou a aprofundar a pesquisa e afirmar que os projetos em escola devem ser motivados não apenas pela legislação já existente, mas pelo envolvimento, compreensão, comprometimento de todos.

Já que, desta forma, os pais, podem reconhecer os sinais em seus filhos que sofrem alguma agressão, através da análises de alguns fatores como: emocional: ansiedade, nervosismo, apático; físico: machucados sem explicação; comportamental:quieto, tímido, desatento; e outros sinais, como a falta de vontade de ir para escola, não falar sobre amigos da escola, usar muitas peças de roupa para esconder lesões e ou questões físicas que fazem com que aquele indivíduo sofra o bullying, por exemplo: excesso de peso, manchas de nascença, entre outros. Sendo também, papel da escola reconhecer estes sinais, promovendo a erradicação do bullying, prestando suporte às vítimas, como também aos agressores, que muitas das vezes praticam o bullying, devido a outros problemas, exemplo disso, são problemas familiares.

Isso porque devemos nós, professores e toda sociedade, estarmos conscientes do nosso verdadeiro papel como educadores e cidadãos, estimulando em nossos filhos e educandos a importância da empatia em nossa vida, de se doar mais, enxergar e escutar mais. É preciso criar um ambiente no qual todos possam contribuir, colaborando, assim, para a transformação social em que mais do que conhecido e estudado o bullying seja discutido, refletido e superado por ações que promovam a empatia entre as pessoas.

Sendo assim a família é a primeira e mais importante interação social, entre uma criança e uma adulto, na responsabilidade de pais ou tutores, possuem um importante papel fiscalizador, analisando mudanças comportamentais e acalentador estando sempre dispostos a ouvir e aconselhar levando sempre palavras de conforto, além de auxiliar na resolução de conflito.

Na escola, é responsabilidade de todo o corpo docente, sendo o lugar que mais ocorrem casos de bullying, nela deve haver uma atenção redobrada, devem estar preparados para combater as práticas de bullying, pois além de prevenir sintomas e doenças na infância e adolescência, evitam que na vida adulta as pessoas estejam marcadas por doenças como depressão, que prejudicam a vida emocional, acadêmica e profissional.

## REFERÊNCIAS

- BEAUDOIN, Marie-Nathalie. **Bullying e desrespeito**. Como acabar com essa cultura na escola; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed,2006.
- BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do bullying**. Impeça que ele maltrate os colegas e seja maltratado por eles. Rio de Janeiro: *BestSeller*, 2010.
- CAMARGO, Orson. "**Bullying**"; *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em 30 de abril de 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 25.ed.São Paulo: 2002
- KALIL, Irene. **Bullying: quem são suas vítimas e como combatê-lo?**. EcoDebate. Disponível em <https://www.ecodebate.com.br/2011/02/07/bullying-quem-sao-suas-vitimas-e-como-combate-lo/>. Acesso em 01 de maio de 2019.
- Leis Municipais. **LEI Nº 3079, DE 13 DE MAIO DE 2010**. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/paranagua/lei-ordinaria/2010/307/3079/lei-ordinaria-n3079-2010-institui-a-campanha-permanente-sobre-inclusao-de-medidas-de-prevencao-conscientizacao-e-combate-ao-bullying-escolar-nas-escolas-publicas-e-particulares-de-educacao-basica-do-municipio-de-paranagua-e-da-outras-providencias-2010-05-13-versao-compilada.html>>. Acesso em 20 de maio de 2019.

MEDINA, Vilma. **O agressor e a vítima da violência escolar.** Guiainfantil.com.  
Disponível em

<<https://br.guiainfantil.com/violencia-escolar/48-o-agressor-e-a-vitima-da-violencia-escolar.html>>. Acesso em 01 de maio de 2019.

NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying - Comportamento agressivo entre estudantes.** In: Jornal de Pediatria - Vol. 81, N°5(supl), 2005.

VIEGAS, Amanda. **Os três principais problemas e consequências do bullying.** In:

PAR - Plataforma Educacional. Disponível em:

<https://www.somospar.com.br/principais-problemas-e-consequencias-do-bullying/>

Acesso em 27 de jul. de 2019.

SEIXAS, Sônia Raquel. **Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas.** Análise Psicológica , 2 (XXIII): p.97-110,2005. Disponível

em:

<https://core.ac.uk/download/pdf/70619243.pdf>. Acesso em 02 abr. 2019.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**, 2 ed. São Paulo: Globo, 2015.

